



# Um pensar

[...]

Saindo do bar abandonado na Cinelândia  
Das pessoas abandonadas na Cinelândia  
Dos homossexuais solitários a se beijar sem pudor  
Barbas se encontrando, línguas se entrecruzando  
Banheiros para homens e mulheres que verão apenas pintos  
urinando  
Um garoto excitado e temeroso do desejo  
Seria um homem? Seria um viado? Seria uma navalha?  
E lá pra frente, aquela que me causou tanto sofrimento  
Que meteu a navalha e estraçalhou o braço  
A qual sombria deixava o desejo projetado esbofetear meu estômago  
Veio jogar a chupada curiosa sobre meus ombros  
Nos carros parados na praça, com o filho em casa  
Andarilho por entre as vilas escuras, muito sujas, pixadas  
De pessoas amargas, caras amargas, olhos pútridos e doentios  
Um mundo solitário por estar entre gentes  
Ao alto só a poluição e as poucas estrelas insistentes  
Aviões cruzando as nuvens levando-nos para longe de nós mesmos  
Distantes da existência paupérrima e entristecida  
Numa esperança de olhar para as torres, museus, praças longínquas  
E justificar a ausência de si mesmo  
A permanência dos dias comuns, das letras caligraficamente belas  
Dos maneirismos necessários à sobrevivência

Do comportamento esperado  
Das regras repetidas e seguidas sem questionamento  
Do deixar-se morrer a cada dia, sem sequer passar perto do odor  
dos buquês de flores colocadas sobre as lápides  
Das falas professorais, de bocas inermes, cheia de dentes amarelados  
Zumbis e vampiros ao mesmo tempo  
Sugam e comem as vísceras, por ter suas vísceras desconcertadas  
E esparramadas pelas torres altas que enfeiam a cidade  
Poluem os céus, emitem radiação, transmitem incertezas à distância  
Aproximam quem escolheu viver longe por não aguentar a presença  
do outro  
Um corpo destruído pela tentativa vã  
Uma pele ressecada pelo sol que só desfaz  
Um destempero agressivo pelo abandono do mundo com seu rosto  
Uma igreja, um templo, ou apenas um desempregado repetindo  
trechos literais sem sequer entender o que diz  
Uma mulher doente, poucos dentes, pouco dinheiro, muita fé  
Um dinheiro contado, uma obra de deus, um centavo que irá fazer falta  
Muita falta  
Um cobertor que não cobre, imundo, pulguento, rasgado nas  
extremidades  
O que seria do deus se não fosse a dor  
Dor que não passa, asilo da esperança  
Andando ainda pelas esquinas, a calça já se acabando  
Os fios do coração rompendo  
O coração rompendo  
O sangue não mais fluindo para onde deveria  
Um dia terei a buceta celestial

A sonhada mulher que irá me seduzir  
Que irá me jogar na perdição  
Que irá comer minha alma  
Que irá me enganar com facilidade  
Que tirará meu dinheiro, meu sustento, meu trabalho idiota  
Que tirará tudo dentro de mim,  
Menos o dissabor  
A cólica doidamente dolorida do engano  
Lamurioso, sentarei sobre a cadeira quebrada da finitude  
Rogarei pragas ao amor, à paixão, ao sentimento piegas  
Tirarei a poesia dos meus dias  
Tirarei a fantasia dos meus braços  
Tirarei a música que percorre meus tímpanos  
Com seus olhos, sua face rosada, seu odor único  
Pegarei meu carro velho, minha vida velha, minha garrafa nova  
Andarei pelas estradas de terra do interior  
Sentarei sobre as pedras, alcoolizado, olhando para o nada  
Reclamarei das expectativas  
Tentarei me atirar sobre o caminhão de cimento  
Sobre a vida de cimento  
Sobre o sentimento que endurece  
Trocarei a roupa, os sapatos  
Tentarei trocar a existência  
Tentarei me acertar comigo mesmo  
Ouvindo Miles Davis  
[...]

Martinho Milani